

# O olhar da psicanálise sobre a deficiência intelectual: de copista a autor de sua própria história

## **Inês Catão Henriques Ferreira**

Pós-doutorado em Psicologia Clínica e Patológica pela Universidade de Nice Sophia-Antipolis - França. Doutora em Psicologia Clínica e Ciências da Educação pela Universidade de Coimbra - Portugal. Médica, psiquiatra infantil da Secretaria de Saúde do DF (SESEDF) – DF, Brasil. Co-coordenadora da Pesquisa Preaut Brasil – Brasília.  
E-mail: cataoines@gmail.com

## **Cristina Abranches Mota Batista**

Pós-doutoranda em Psicologia Clínica pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) - Belo Horizonte, MG – Brasil. Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), Brasil. Diretora-superintendente do Centro de Atendimento e Inclusão Social (CAIS) - Contagem, MG – Brasil.  
<http://lattes.cnpq.br/1564982787012578>  
E-mail: cristinacais3@gmail.com

Submetido em: 30/07/2017. Aprovado em: 10/09/2017. Publicado em: 03/12/2017.

## **RESUMO**

A psicanálise não aborda a deficiência intelectual, mas fornece pistas para pensá-la a partir da noção freudiana de inibição e da noção de debilidade em Lacan. Neste autor, a debilidade é definida como uma posição subjetiva, e não como quadro psicopatológico catalogado nas classificações e manuais diagnósticos atualmente em uso. Neste texto, as autoras partem do conceito de constituição subjetiva para definir a posição subjetiva débil e apontar como ela pode afetar a autonomia e a construção de laços pelo sujeito. A partir dessa elaboração, apontam o que seria a direção de um tratamento do sujeito na posição débil baseado nos pressupostos da psicanálise, quer nos dispositivos escolares quer nos institucionais.

Palavras-chave: Psicanálise. Constituição subjetiva. Debilidade. Deficiência intelectual.

## ***Psychoanalysis look on intellectual disability: from copyist to author of own history***

### **SUMMARY**

*Psychoanalysis does not address intellectual deficiency, but it provides clues to thinking about it from the Freudian notion of inhibition and the notion of weakness in Lacan. In this author, weakness is defined as a subjective position, not as a psychopathological framework cataloged in the diagnostic classifications and manuals currently in use. In this text, the authors start from the concept of subjective constitution to define the weak subjective position and to point out how it can affect the autonomy and the construction of bonds by the subject. From this elaboration, they point out what would be the direction of a treatment of the subject in the weak position based on the assumptions of psychoanalysis, both in school and institutional devices.*

**Keywords:** *Psychoanalysis. Subjective constitution. Weakness. Intellectual disability.*

## ***La mirada del psicoanálisis sobre la discapacidad intelectual: de copista a autor de su propia historia***

### **RESUMEN**

*El psicoanálisis no aborda la deficiencia intelectual, pero proporciona pistas para pensarla a partir de la noción freudiana de inhibición y de la noción de debilidad en Lacan. En este autor, la debilidad se define como una posición subjetiva, y no como cuadro psicopatológico catalogado en las clasificaciones y manuales diagnósticos actualmente en uso. En este texto, las autoras parten del concepto de constitución subjetiva para definir la posición subjetiva débil y señalar cómo puede afectar la autonomía y la construcción de lazos por el sujeto. A partir de esa elaboración, apuntan lo que sería la dirección de un tratamiento del sujeto en la posición débil basado en los presupuestos del psicoanálisis, tanto en los dispositivos escolares como en los institucionales.*

**Palabras clave:** *Psicoanálisis. Constitución subjetiva. Debilidad. Deficiencia intelectual.*

*“Não importa a inteligência que um sujeito tenha, importa o que ele faz com isso”.  
Maud Mannoni (1999/1964)*

## **O OLHAR DA PSICANÁLISE SOBRE A DEFICIÊNCIA INTELECTUAL**

A psicanálise não tem uma teorização propriamente dita sobre a deficiência intelectual, mas conta em Freud com a noção de inibição e, posteriormente, em Lacan, com a noção de debilidade, que permitem uma analogia com o conceito da deficiência intelectual. Deficiência intelectual e debilidade não são exatamente a mesma coisa, mas a segunda noção problematiza e pode esclarecer a questão subjetiva que envolve a primeira. O conceito de deficiência intelectual pressupõe um funcionamento cognitivo abaixo da norma e não considera o inconsciente. Por sua vez, a psicanálise aborda o sujeito do inconsciente e trata do singular, isto é, do que diferencia um sujeito do outro, para além do déficit.

Neste texto, as diferenças entre deficiência intelectual e debilidade são abordadas em seus aspectos conceituais e fenomenológicos. Fica claro que os mesmos fenômenos podem indicar situações clínicas diferentes, requerendo do analista atenção às sutilezas presentes na fala. Vamos abordar o tema da debilidade a partir do conceito de constituição subjetiva, definir como o sujeito assume uma posição subjetiva débil e como ela pode afetar sua autonomia e a construção de seus laços.

A partir dessa elaboração, apontamos o que seria a condução de um tratamento do sujeito na posição débil baseado nos pressupostos da psicanálise.

## **O NASCIMENTO DO SUJEITO: A DEPENDÊNCIA ESTRUTURANTE DA VIDA E A CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA**

O ser humano não nasce pronto, acabado. Ele nasce prematuro, quer do ponto de vista físico, quer do ponto de vista psíquico. Sua condição de prematuro para a vida, ainda que nasça a termo, determina o que Freud nomeou de desamparo primordial (*Hiflosigkeit*, Freud). O desamparo em que nasce o ser humano, que não sobrevive sozinho, condiciona sua dependência de outro ser em carne e osso, um semelhante, que funcione como próximo assegurado (*Nebenmensch*, Freud). Talvez por este motivo o bebê humano, já ao nascer, se interessa por outro humano. Com apenas horas de nascido, ele não apenas é capaz de imitar o gesto do semelhante como provocá-lo para a interação (NAGY e MOLNAR, 2004). Ele é capaz de reconhecer a voz da mãe mesmo retransmitida por um gravador. Sua fome de contato é anterior à fome de leite, donde podemos dizer que, antes do leite, o bebê suga a voz da mãe.

O bebê nasce imerso em palavras. Ele é falado muito antes de falar. Mas para que se torne um ser falante, é preciso incorporar o banho de linguagem em que nasce. Eis o que torna o organismo um corpo capaz de dança e leveza, de desafiar a gravidade.

O caminho que conduz a pequena criança a deixar o reino do ser em que nasce e adentrar o reino em que as palavras ganham valor de significantes, umas encadeadas às outras em busca de sentido, é o que nomeamos em psicanálise de constituição do sujeito ou constituição subjetiva. Em psicanálise, não trabalhamos com a noção de indivíduo, mas com a de sujeito, que já nasce dividido (entre ser e sentido, entre gozo e saber). Nesta passagem o pequeno ser perde sempre algo, por exemplo, a possibilidade de falar todas as línguas.

Lacan nomeou duas operações de constituição do sujeito: a alienação e a separação. Na primeira – a alienação – o bebê deve poder se tomar por aquilo que falta à mãe, se alojando nas suposições de sentido que ela faz sobre ele. A mãe dá sentido ao seu grito e ao seu choro. Ela fala com ele e por ele. No exercício da função materna, o Outro cuidador supõe que o bebê pode responder, não obstante sua insuficiência física e psíquica. É uma aposta à qual a maioria dos bebês responde como pode. Na alienação, o bebê aceita o convite da mãe para participar do campo da linguagem e para ocupar temporariamente o lugar de objeto de seu gozo. Há um tempo em que o Outro cuidador, a mãe em sua função atributiva, acolhe o bebê e constrói com ele um laço. É uma co-construção. O bebê participa ativamente do estabelecimento deste laço (vínculo). O bebê é ativo desde o nascimento.

A segunda operação constitutiva do sujeito – a separação – é aquela que vai permitir ao bebê separar-se do Outro. É o tempo da constituição do terceiro separador, aquele que institui a Lei e permite à criança começar seus ensaios de uma vida autônoma. Como na função materna, aqui também não se trata obrigatoriamente da presença do pai biológico mas da entrada em cena de uma função – a paterna – que interdita à mãe a reintegração de seu produto e ao bebê permanecer no lugar de objeto para sua mãe.

As operações brevemente descritas anteriormente se iniciam muito cedo na vida de um bebê e continuam em um movimento em espiral ao longo de toda a vida.

Podemos depreender que a autonomia de um sujeito é sempre relativa. É uma separação que a sustenta. Mas a separação se sustenta na criação de algum tipo de laço (vínculo) construído com o Outro.

Nós, psicanalistas, nos ocupamos em ler a lógica que sustenta o vínculo do sujeito com o Outro, lógica criada nos tempos da constituição subjetiva, que serve de modelo e determina sua posição no mundo e sua forma de construir seus laços.

## **DEBILIDADE E CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA**

Para a psicanálise, a debilidade é uma posição subjetiva caracterizada pela manutenção de atribuição de saber ao Outro que impossibilita ao sujeito ser protagonista de sua própria vida. Neste contexto, o significativo débil não é utilizado como substantivo, ele é usado como adjetivo, não para qualificar o sujeito, mas para indicar algo de frágil, um sujeito fragilizado em sua constituição e em seu posicionamento perante o Outro. Algo acontece na constituição subjetiva que não permite que o sujeito se posicione de forma “autônoma” diante do Outro, isto é, sustentando o próprio desejo.

A posição débil pode ser encontrada tanto nos casos de pessoas com alguma patologia orgânica definida, como em qualquer sujeito sem uma patologia orgânica, o que justifica tantas pessoas com diagnóstico de deficiência intelectual sem que uma etiologia orgânica possa ser encontrada. Assim, em psicanálise, a debilidade fala de um modo de funcionamento psíquico, com ou sem acometimento da base orgânica do corpo.

Para o sujeito débil, o Outro lhe parece completo, sem falta. O Outro é aquele que está sempre presente oferecendo tudo, cuidando para que nada falte ao bebê que lhe parece tão frágil e merecedor de cuidados. Um bebê que nasce com uma fragilidade orgânica inicial

que o leva, por exemplo, a uma UTI neonatal soma à sua condição humana de desamparo constitutivo uma fragilidade orgânica suplementar. Nesta condição, pode acontecer de ele nada pedir ao seu cuidador que também nada lhe demanda, por não fazer a necessária suposição de possibilidade de resposta no bebê. Trata-se de um arranjo comum em crianças diagnosticadas com alguma patologia desde cedo, tanto para o bebê quanto para aquele que faz função de Outro cuidador.

De modo análogo, o bebê que nasce portador de uma síndrome pode surpreender seus pais mais que um bebê “normal”, dificultando o estabelecimento do laço. É importante separar déficit orgânico de apetência simbólica (CRESPIN, 2004) - que é o interesse do bebê para entrar em relação com o Outro. Esta leitura pode mudar o destino no mundo dos falantes, de um bebê diferente desde o começo. Pois um déficit, seja ele qual for, tenha a gravidade que tiver, não se confunde com o sujeito desejante. Este diz respeito à estruturação da vida psíquica, imaterial, cuja base material é o organismo.

Apesar do início difícil, alguns bebês podem encontrar saídas para este primeiro momento não se fixando em uma posição débil, enquanto outros precisarão da intervenção de um terceiro para não ficarem aprisionados na armadilha dos desejos e cuidados iniciais.

Na constituição subjetiva, o sujeito na posição débil toma um destino diferente do esperado. Ele fica colado à imagem dupla que vê no espelho (LACAN, 1949), com dificuldades de se apropriar desta imagem como sendo a sua, o que lhe traz empecilhos para construir uma imagem unificada de si. O primeiro espelho para o bebê é o rosto da mãe, como esclareceu Winnicott (1975). Para construir a própria imagem, é preciso primeiro que o bebê se aliene à imagem de si que lhe é indicada por aquele que se ocupa dele.

Para a psicanálise, o sujeito se organiza e se constitui em três registros RSI – real, simbólico e imaginário – os quais, para funcionarem, devem estar necessariamente entrelaçados. Na debilidade ocorre uma intrusão do imaginário no simbólico (LACAN, 1975). Lacan associa a debilidade à

inibição e, fazendo referência à Freud, situa a inibição no campo do corpo e da função. O conceito de inibição (*Hemmung*) em Freud surge na elaboração da Primeira Tópica. Freud a define como uma parada ou bloqueio de uma ação motora, ou uma interrupção na cadeia de pensamento, o que afeta o processo de aprendizagem. Freud (1926/1980), ao associar a inibição a uma função, destacou algumas funções que estariam sujeitas a essa dinâmica, como: a função sexual, da nutrição, da locomoção, do trabalho, além de outras inibições específicas. Os efeitos podem aparecer de maneira pontual, em determinados momentos da vida do sujeito, ou mesmo parcial, com a inibição de apenas uma função. Na debilidade, a inibição acontece de forma mais generalizada, como se fosse exacerbada, afetando várias áreas e funções.

Manter-se no nível imaginário significa que as crianças na posição débil podem não se apropriar de seu corpo, necessitando de Outro cuidador para atender a todas as suas necessidades e demandas. Em função disto, percebemos crianças com o corpo desarmônico, ou ainda com dificuldades para perceber algumas de suas próprias necessidades orgânicas e corporais.

O sujeito nessa posição procura manter o Outro sem falta, como detentor de todo saber, como alguém que ele não pode questionar e, por isso, se coloca como servil a este Outro. Crianças e mesmo adultos na posição débil são sujeitos que não questionam o Outro, que aceitam passivamente, e até mesmo de forma adesiva e dócil, tudo que vem deste Outro.

No limite, encontramos crianças que não apresentam qualquer demanda mesmo para satisfazer suas necessidades mais básicas, como se o Outro fosse sempre responsável e tivesse o saber sobre tudo, inclusive sobre seu corpo.

As operações de alienação e separação definem a constituição subjetiva como um processo psíquico sutil e muito precoce que possibilita o advento de um sujeito desejante, isto é, de um ser falante. Pois é neste processo que o sujeito tem acesso à fala. A fala não é um ato de fonação, é um ato de sujeito. Para a psicanálise, falar significa suportar o vazio

e se distanciar do Outro. Como diz Lebrun, falar implica “não estar mais em simbiose com as coisas, poder distanciar-se e não estar mais no imediato, na urgência” (LEBRUN, 2008, p. 49). A fala de um sujeito pressupõe equívocos. Um sujeito ao falar não consegue dizer exatamente o que queria dizer. Os significantes não estão dados previamente nem atrelados a um único significado. Para falar é preciso poder falhar, cometer erros na língua falada, errar na linguagem, no duplo sentido (êrro e errância).

O sujeito em posição débil procura a todo custo evitar os equívocos da linguagem, reduzir os múltiplos sentidos a um sentido único, criar uma certeza inexistente no simbólico, apegando-se ao sentido no lugar do equívoco. Ele não percebe o duplo sentido. Notamos assim crianças e jovens, ou mesmo adultos, que nessa posição dizem tudo ao pé da letra, e às vezes revelam “verdades” que não poderiam ser ditas.

Nessa dinâmica, o sujeito em posição de debilidade pode apresentar dificuldades com a linguagem escrita ou mesmo com a linguagem oral, às vezes chegando ao mutismo ou à ecolalia, mantendo uma repetição da mensagem do Outro, sem produzir uma fala própria. Identificamos aqui fenômenos semelhantes que podem ser encontrados em quadros clínicos bastante diferentes, como o autismo, a psicose e a debilidade. No autismo, tais fenômenos, quando ocorrem, apontam uma defesa diante da alteridade. O sujeito autista tenta apagar qualquer marca de seu assujeitamento à linguagem, qualquer marca de enunciação (em si e no Outro).

Na psicose, os mesmos fenômenos visam evitar um Outro que lhe parece perseguidor. Já na debilidade, o “objetivo” seria a manutenção do Outro completo, sem falhas. Algumas crianças na posição débil, mesmo tendo essa questão com o uso da linguagem, fazem uso de metáforas, como construções poéticas e jogos de palavras. Se, no entanto, o interlocutor (terapeuta, professor, pais) descredita a produção do sujeito nessa posição, certamente ela não se sustentará. O poema abaixo, por exemplo, é construção coletiva de um grupo de crianças com diagnóstico de deficiência intelectual.

## **Olho Aberto!**

### *Turma 4<sup>1</sup>*

*Régua parece metro,  
mas não é.*

*Bolinha de gude parece bolinha de chocolate,  
mas não é.*

*Metrô parece trem de ferro,  
mas não é.*

*Homem de brinco parece mulher,  
mas não é.*

*Ovo de páscoa parece ovo de galinha,  
mas não é.*

*Gotas de chuva parecem lágrimas,  
mas não é.*

*Cabelo cacheado parece macarrão,  
mas não é.*

*Essa turma parece jogo de quebra-cabeça,  
mas não é.*

Alguns sujeitos em posição débil se permitem utilizar a imagem, conseguem desenhar, mas se veem impedidos de ter acesso à escrita. Sabemos que desenho e escrita são formas diferentes de lidar com as representações. No desenho, a presença da imagem implica uma conjunção do imaginário com o simbólico; já na escrita, o simbólico se articula com o real, algo que para alguns sujeitos nessa posição se torna difícil, até impossível.

O ato de desenhar é algo que alguns sujeitos na posição débil conseguem fazer muito bem. Outros constroem poemas verbalmente, mas encarregam outro alguém de escrevê-los, evitando entrar no domínio da escrita. É o Outro que escreve para ele, é o Outro que sabe escrever. É o Outro que fala por ele ou que escreve por ele, o saber está do lado do Outro.

---

<sup>1</sup>Poema coletivo elaborado por grupo de alunos da Turma 4, com diagnóstico de deficiência mental, durante atividade do Atendimento Educacional Especializado (AEE) no CAIS em Contagem (MG).

Lacan, no seminário *De um Outro ao outro*, na lição de 12 de fevereiro de 1969, questiona se não existe certa astúcia no débil. Ele conta que um paciente seu, em análise, diz verdades que saem em estado de pérolas, e afirma: “... é forçoso, afinal, que nem tudo seja tão débil assim no débil mental. E se ele fosse um pouquinho ardiloso, o débil mental?” (LACAN, 1968/69, p. 172). Ora, sabemos que astúcia é sinônimo de inteligência. A posição de Lacan coloca em xeque a crença construída durante séculos sobre a definição da debilidade como sinônimo de deficiência intelectual. Nessa lição, Lacan rompe definitivamente o vínculo entre a debilidade e a noção de déficit. Para a psicanálise, não se trata de medir os déficits e realizar um tratamento a partir das dificuldades de modo a colmatá-las. Trata-se de buscar ler no que o sujeito diz, como ele se fixou na posição em que funciona, qual a lógica que preside o seu funcionamento. Para a psicanálise, a direção de tratamento depende da apreensão pelo psicanalista desta lógica.

No sujeito em posição débil a redução do simbólico e a repetição estão muito presentes, com o intuito de conservar e repetir os significantes do Outro, cuidando para que eles não sejam substituídos por outros significantes (BRUNO, 1983, p. 16). Bruno alerta que isto gera um grande perigo na forma de tratamento destes sujeitos, e acrescentamos, um grande perigo na educação, pois com frequência a tentativa de redução simbólica do sujeito débil encontra as tarefas reduzidas e repetitivas utilizadas na educação da criança com quadro de debilidade. O aluno na posição débil pode se tornar um simples “copista” na sala de aula, uma cópia sem apropriação do saber, uma cópia do que o Outro sabe, o que reforça sua posição. O mesmo pode ser percebido em situações em que o sujeito ritualiza o seu cotidiano em ações repetitivas.

Nesta operação, o que o sujeito na posição débil visa é encobrir todo o traço do sujeito do inconsciente. O sujeito nessa posição é aquele que não questiona e que se posiciona perfeitamente no “logo existo”<sup>2</sup>, sem se perceber de fora, da posição de um sujeito que se abole no discurso.

<sup>2</sup>Referência ao cogito cartesiano.

O sujeito na posição débil, para não correr o risco da mentira, simplesmente repete o enunciado do Outro e não se coloca o enigma do saber (ou o saber como enigma), processo que o leva a se posicionar como mero repetidor do discurso do Outro. Ele é aquele que crê no Outro consistente. Pode-se afirmar que a existência desses sujeitos se dá pela consistência e pela crença.

### **À ESCUTA DO SUJEITO: CO-CONSTRUINDO UM CAMINHO PARA UMA AUTONOMIA POSSÍVEL**

Para nós, psicanalistas, se existe alguma crença, é no sujeito. Nossa aposta é na capacidade desse sujeito advir como ser autônomo com as falhas que lhe são próprias. A psicanálise não se ocupa do déficit, intelectual ou outro, mas da história do sujeito e de sua constituição.

Para tornar-se um sujeito “autônomo”, é preciso primeiro se alienar ao campo da alteridade, ao Outro, submeter-se à lei para, só então, questionar o próprio desejo. A maior ou menor autonomia de um sujeito depende do modo como se estruturou o seu funcionamento psíquico.

O tratamento psicanalítico permite ao sujeito se dar conta de seu modo de funcionamento, apropriar-se de sua história e assim deixar as repetições autônomas por outro modo de autonomia: implicar-se no que lhe acontece, assumir suas falhas, seu modo de errância no campo da linguagem, seu estilo próprio, e saber fazer com o que lhe é mais singular, reinventar-se.

Ao contrário do que se pensa no senso comum, é preciso colocar o sujeito na posição débil a falar, dar-lhe ouvidos, seja por seus desenhos, por escrita, ou por sua voz.

Um trabalho com a família, com os pais, pode permitir o deslocamento de foco da patologia ou do diagnóstico de deficiência intelectual para uma aposta no filho, em suas potencialidades, em seu saber. Sobretudo com o sujeito nessa posição, é preciso que o Outro (terapeutas, professores, pais) não se coloque como detentor de todo

saber, sem permitir que apareça o singular que caracteriza o sujeito.

Na inclusão escolar, trata-se de permitir que o sujeito participe do jogo social com seus pares e consiga se posicionar diante das questões que surgem no cotidiano da escola. Estar atento à escuta de como esse sujeito elabora suas questões, com seu estilo e forma próprios de lidar com o simbólico.

No trabalho institucional, as instituições que atuam de forma complementar à escola, têm como premissa fortalecer o estilo e saber singulares de cada sujeito. Não trabalhar pelo reforço das repetições que ele próprio busca, mas, ao contrário, permitir que o sujeito traga algo que lhe é próprio e inovador. Como o poema Olho Aberto!, ou o poema abaixo, que foi elaborado em uma atividade do Atendimento Educacional Especializado (AEE) do Cais (Contagem, MG) quando solicitado a crianças com diagnóstico de deficiência intelectual que definissem o que significava inclusão.

Percebe-se neste poema, como este garoto possui um saber pertinente e astuto sobre o que significa a inclusão e sua inserção no mundo escolar. É um verdadeiro aforisma sobre a inclusão.

Na inclusão laboral, é necessário que igualmente se permita que o sujeito se aproprie da tarefa que executa e do seu trabalho com desejo e autonomia, não fortalecendo ações meramente repetitivas sem desejo e investimento. O emprego formal e mesmo as modalidades de emprego apoiado são possibilidades para o sujeito realizar e expressar sua autonomia.

Pois, como nos ensinou Maud Mannoni, não importa a (o nível de) inteligência que um sujeito tenha, importa o que ele faz com isso.



## REFERÊNCIAS

BATISTA, C. A. M. *Inclusão escolar: equívocos e insistência - uma história de reis príncipes, monstros, castelos, cachorros, leões, meninos e meninas*. 2012. 282p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa em Pós-Graduação de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

BRUNO, P. Examen de la debilité. *Pas Tant: ce que Freud découvre*, Lacan le fonde revue, Toulouse, n. 3/4, p. 15-22, automne/hiver 1983.

CRESPIN, G. *A clínica precoce*. São Paulo : Casa do Psicólogo.

FREUD, S. Inibições, sintomas e ansiedades. In: \_\_\_\_\_. *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v 20. p. 107-210.

LACAN, J. O estádio do Espelho. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 96-103.

\_\_\_\_\_. *O seminário, livro 16: de outro a outro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_. Seminário R.S.I. In: *Ornicar? Revue de Champ Freudien*, nº2, março. Champ Freudienne. 1975. p.11-35.

LEBRUN, J. P. *A perversão comum: viver juntos sem outro*. Rio de Janeiro: Campo Matemático, 2008.

LEFORT, R.; ET LEFORT, R. La Realité de la débilité mentale par Rosine et Robert Lefort. In: *Revue de L'Ecole de la Cause Freudienne*. Paris: ECF, 1991. p. 47-50.

MANNONI, M. *A criança retardada e a mãe*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NAGY, E.; MOLNAR, P. Homo imitans or homo provocans?: human imprinting model of neonatal imitation. *Infant Behavior and Development*, Amesterdã, v. 27, n. 1, p.54-63, 2004.

WINNICOTT, D. O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. In: *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.